Introdução

Carla Baptista
Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Instituto de Comunicação da NOVA — ICNOVA
carla.baptista@fcsh.unl.pt

Carlos Camponez
Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras
carlos.camponez@fl.uc.pt

O livro que apresentamos não pretende fazer uma história cronológica dos jornalistas portugueses, âmbito que em muito excederia o seu propósito. É antes um modesto contributo que assinala alguns aspetos marcantes nesse processo histórico que marcou, em Portugal, as principais transformações da profissão jornalística. Antes de ser jornalismo, foi preciso imaginar o jornalismo. É por isso que as dinâmicas da profissão e os seus movimentos no sentido de uma maior institucionalização e profissionalização são marcadas pela relação gerada com outros campos sociais. Neste livro, destacamos cinco aspetos: o **plano jurídico**, no qual se foi construindo e estabilizando um quadro regulador de direitos e deveres associados ao desempenho do jornalismo e que para este traduzem um conjunto de expetativas sociais e valores éticos; o **plano associativo**, que foi revelando a capacidade de os jornalistas se organizarem enquanto classe profissional e definirem um conjunto de regras de pertença e entreajuda fundamentais para a sobrevivência de uma profissão marcada, nas primeiras décadas, pela sua fragilidade, porosidade e fluidez; o **plano do ensino e da formação**, fundamentais para a definição de competências e para a marcação de um território profissional distinto; o **plano político**, que tão vincadamente subjugou o jornalismo em Portugal devido à longa duração da ditadura, mas que igualmente fomentou bolsas de resistência constitutivas da história dos jornalistas; e, finalmente, o **plano das lutas e reivindicações laborais**, que foi organizando formas de luta e permitindo a conquista de direitos.

Estes são os eixos que propomos para guiar a leitura por uma história dos jornalistas, aqui resumida em alguns momentos parciais, mas significativos, desse longo e acidentado percurso. Mais do que as biografias de notáveis jornalistas, que abundam e cuja recolha é igualmente urgente, procuramos captar dinâmicas sociais que atravessam e instilam acontecimentos históricos relevantes para a história da profissão.

No capítulo I, Carlos Camponez e Madalena Miranda contam o essencial sobre as principais iniciativas legislativas que foram regulando o mundo laboral dos jornalistas entre 1910 e 1999, em estreita articulação com as visões políticas que os vários regimes que atravessaram este longo período (I República, Estado Novo, democracia) projetaram sobre o jornalismo. Estas medidas legislativas foram dando forma a um conceito estruturante da profissão, isto é, foram definindo o que é ser jornalista, quem é jornalista, quais os limites legais

observados pelos seus praticantes e quais os direitos de que devem beneficiar para poderem cumprir a sua missão social.

O capítulo II, da autoria de Carlos Camponez, João Miranda e Joaquim Fidalgo, prolonga esta reflexão, mas olhando para as principais etapas da autorregulação dos jornalistas, desde 1934 até aos nossos dias. Este é um debate que foi do passado, mas ainda é do presente, e cada vez mais se impõe quase com violência no quadro contemporâneo de desregulação, desprofissionalização e ameaças de desfiguração que têm fortes impactos na forma e na substância do jornalismo praticado.

No capítulo III, assinado por Paulo Martins, encontramos uma história do associativismo jornalístico, desde a fundação da Associação de Jornalistas e Escritores Portugueses, em 1880, até ao 25 de Abril de 1974. É uma história de tenacidade e resistência, tecida por múltiplas medidas governamentais que sempre tentaram conter e controlar as associações de jornalistas, antevendo nelas lugares de fortalecimento da força social e política dos seus profissionais. Mas é também um percurso onde vamos assistindo, por um lado, a uma luta interna pelo poder e pela visibilidade e, por outro, a um processo de definição do profissionalismo jornalístico como um campo distinto da literatura e da política, rompendo com a contiguidade que marcou a primeira década do associativismo.

O capítulo IV, da autoria de Sandra Marinho, leva-nos numa viagem pela história da formação e do ensino do jornalismo em Portugal, desde a fase a que podemos chamar protoformativa, em que o "treino" se fazia de forma arbitrária e informal, fortemente vinculado aos espaços das redações onde o jovem recruta era socializado sob o olhar e a instrução dos mais velhos, até ao ambiente digital em que vivemos, marcado pela diversidade e variedade das propostas formativas, incluindo os modelos híbridos ou à distância. A compreensão das dinâmicas deste processo é fundamental para entendermos a lenta construção do jornalismo enquanto profissão reconhecida socialmente e igualmente para questionarmos as modalidades de formação que permanecem um desafio em aberto, exigindo permanente reconfiguração.

No capítulo V, Carla Baptista foca a fase tardia do Estado Novo, durante o consulado de Marcelo Caetano, para salientar a coincidência deste período com um movimento múltiplo de modernização do jornalismo político, marcado pela pujança de uma nova geração de jornalistas, mais escolarizada do que a anterior, e fortemente politizada, que fez da profissão um lugar de combate e resistência contra as sujeições impostas pela Censura e por décadas de conformação à instrumentalização política. Sendo herdeiro da pulsão renovadora que já se havia iniciado na sociedade portuguesa na década de 60 do século XX, o marcelismo é simultaneamente o toque de finados da ditadura e a antecâmara da Revolução de Abril.

O capítulo VI, de Pedro Marques Gomes, transporta-nos para a efervescência do período revolucionário, focando um dos episódios da luta dos jornalistas mais espetaculares e talvez menos estudado do que outros similares. Trata-se da greve que opôs, durante 46 agitados dias, em agosto de 1974, os trabalhadores do *Jornal do Comércio* ao seu diretor, que tinha um

percurso marcado pela cumplicidade com o regime anterior. Para além da sua singularidade, este episódio é também ilustrativo do ambiente de purgas e saneamentos que se sucederam ao golpe militar de abril de 1974.

Alguns destes textos são versões atualizadas e adaptadas de textos anteriores, publicados em revistas e/ou livros. A sua reunião num único volume enquadra-se nos objetivos do projeto de investigação no qual nasceram – "Para Uma História do Jornalismo em Portugal", coordenado por Jorge Pedro Sousa e Carla Baptista – que se propôs também sistematizar a investigação sobre a área e dar-lhe um sentido mais integrador, preenchendo os lapsos temporais e combatendo a dispersão que ainda continua a caracterizar os (felizmente) já muitos contributos académicos para fazer a história do jornalismo. A leitura deste volume deve fazer-se, por isso, olhando para o conjunto dos restantes *ebooks* produzidos ao longo deste projeto de três anos, possível graças ao financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e ao acolhimento do ICNOVA, que se encontram publicados em acesso livre na coleção de livros deste centro de investigação.

Finalmente, uma palavra emocionada para as duas perdas irreparáveis que ensombram aquilo que deveria ter sido um caminho de alegria e aprendizagem: Mário Mesquita (1950-2022) e Luís Augusto Costa Dias (1956-2022). Ambos estavam a escrever capítulos para integrarem este volume, que fica irremediavelmente mais pobre sem o seu contributo. São (porque o serão sempre) dois grandes investigadores do jornalismo e da sua história, com uma obra incontornável que explora uma visão do jornalismo enquanto prática política, social e cultural. Mas, sobretudo, para nós que tanto beneficiamos com o seu convívio, duas pessoas extraordinariamente inteligentes e generosas a quem estamos imensamente gratos. A ambos dedicamos a nossa sentida e comovida homenagem.

Notas biográficas

Carla Baptista é Professora Associada na Universidade NOVA de Lisboa. Investigadora integrada no ICNOVA.

Ciência ID: FF1B-13F5-CE58
ORCID ID: 0000-0002-8188-3567
Scopus Author ID: 57189266192
Morada: Universidade Nova de Lisboa. Avenida de Berna, 26 - C, 1069-061, Lisboa, Lisboa, Portugal

Carlos Camponez é Professor Auxiliar na Universidade de Coimbra e membro integrado do Centros de Estudos Interdisciplinares (CEIS20) da Universidade de Coimbra.

Ciência ID: 6717-DE4F-64A3
ORCID ID: 0000-0003-0832-7174
Morada: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Largo Porta Férrea, 3000-370 Coimbra, Portugal